

A tradição de "Maiar as Portas" em Vale do Laço, Sertã

Filomena Sousa, Memória Imaterial

2025



A tradição de "Maiar as Portas" em Vale do Laço, Troviscal, na Sertã, celebra-se na noite de 30 de abril. Trata-se de um ritual com forte carga simbólica e comunitária, cujo objetivo era afastar a fome e garantir fertilidade e abundância. Esta prática tem uma forte ligação ao ciclo agrícola e à proteção dos bens essenciais da casa e da lavoura.

A celebração do mês de maio, associada à fertilidade da terra e à abundância, tem raízes em tradições pagãs europeias, posteriormente assimiladas pelo calendário cristão. Em várias regiões portuguesas, maio é celebrado com cantares, enfeites florais, cortejos e outras práticas. Em Vale do Laço, a tradição de Maiar as Portas tem como principal objetivo proteger a casa da “fome de maio”, um período difícil antes da chegada das novas colheitas.

O mês de maio era historicamente conhecido como o "mês da fome" nas comunidades agrícolas. Depois de um inverno longo, as reservas alimentares esgotavam-se, e as novas colheitas ainda estavam por vir. Em Vale do Laço, esta escassez ganhava contornos simbólicos, refletidos num gesto ritualístico: colocar ramos e flores nas portas das casas, currais e espaços de armazenamento (como adegas e arrecadações). O ritual era transmitido entre gerações, como recordam Alzira Silva, Maria de Lurdes e Piedade Martins.

Segundo as memórias orais recolhidas, esta prática remonta, pelo menos, aos tempos das avós das entrevistadas. Apesar da sua aparente simplicidade, era um gesto carregado de intenções protetoras e desejos de prosperidade para a família e os animais, que mantém, atualmente, significado cultural e social.



Maio: o Mês da Fome

Na tradição de Vale do Laço, o mês de maio representa um tempo temido. Com as reservas alimentares do inverno esgotadas e as novas culturas ainda verdes, este mês tornava-se símbolo de carência e privação. As famílias enfrentavam dificuldades para alimentar-se, faltavam legumes, frutas, azeite e pão. As batatas velhas terminavam e as novas ainda não estavam prontas.

Segundo as entrevistadas, “as pessoas tinham medo do mês de maio”, que se tornava sinónimo de escassez. O ato de Maiar as Portas era uma forma de simbolicamente expulsar essa fome, de proteger a casa da entrada do mal.

Num contexto de pobreza rural, com grandes famílias e poucos recursos, este ritual servia para reforçar o desejo de sobrevivência e prosperidade. Era um apelo à fertilidade da terra, à proteção dos animais, ao reforço das colheitas. Cada ramo funcionava como um “seguro simbólico” contra a fome e os infortúnios. Além disso, era uma forma de participação comunitária.



Preparação e Execução

A tradição iniciava-se no final da tarde ou início da noite de 30 de abril. Cada família colhe os seus raminhos no campo. Estes ramos são compostos por elementos naturais com significados próprios, e colocados nas portas de entrada das casas, currais, adegas e arrecadações.

Segundo Alzira Silva, Maria de Lourdes e Piedade Martins, a tradição era cumprida escurpulosamente todos os anos. Cada espaço tinha o seu ramo específico, conforme a função:

Porta da casa: proteção geral da família.

Adega: com ramo de videira, para garantir abundância de vinho.

Espaço do azeite: ramo de oliveira, para proteger e garantir azeite.
Currais e estábulos: mistura de espigas, flores, giestas e outras plantas, para proteger os animais.

Tipos de Ramos e Significados

Os ramos eram cuidadosamente compostos por uma combinação de plantas e flores com valor simbólico. Entre as mais referidas destacam-se:

Videira – símbolo do vinho.

Oliveira – símbolo do azeite.

Espiga de trigo ou centeio – símbolo do pão, da colheita.

Cerejeira – simboliza a fruta e fertilidade.

Papoila – associada à alegria.

Rosmaninho – planta silvestre aromática, usada para embelezar e atrair as abelhas, também associado ao mel (que não era usual na geração anterior, mas que Alzira, Maria de Lurdes e Palmira usam atualmente).

Pampinhos (flores amarelas) – associados à paz e alegria.

Os ramos são atados com fio ou linha e fixos nas ombreiras das portas ou no batente. O seu formato pode variar, mas a intenção é sempre protetora e auspiciosa.



O Dia 1 de Maio

O dia seguinte ao ritual tinha outra regra importante: ninguém queria ser o último a levantar-se. Acordar tarde era sinónimo de "ficar com o Maio", ou seja, atrair para si os males do mês – especialmente a fome. “O último a levantar-se fica com o maio no cu”, diziam em tom de brincadeira, mas com uma crença firme.

Acordar cedo era um gesto quase mágico, uma forma de expulsar o maio e garantir sorte e abundância. Esta crença permanece viva na memória das famílias locais, como lembra Alzira Silva: “as minhas filhas ainda falam nisso... nenhuma queria ser a última”.



Estado atual e futuro

Com o passar do tempo e a modernização do modo de vida rural, muitas tradições caíram em desuso. No entanto, em Vale do Laço, o ritual de Maiar as Portas tem sido recuperado com entusiasmo graças ao esforço do Centro Social Recreativo e Cultural de Vale do Laço.

Nos últimos anos, o centro tem promovido a recolha de flores, a confeção de ramos e a sua distribuição pelas casas da aldeia, sobretudo às pessoas idosas ou com menor mobilidade. Como refere Anabela Pirão, o objetivo é “recordar as pessoas desta tradição” e apelar à sua preservação e reinterpretação pelas novas gerações.

A nova dinâmica da tradição reforça os laços intergeracionais. Os mais novos aprendem com os mais velhos e estes, por sua vez, revivem memórias queridas. Segundo Anabela Pirão, referindo-se às pessoas mais velhas, quando percorrem a aldeia para Maiar as Portas: “é muito engraçado o humor delas, a expressão delas... revivem o que faziam antigamente”.

O ramo é agora entregue simbolicamente, mas continua a ser uma marca identitária da aldeia. Muitos mantêm o ramo à porta todo o ano, acreditando que só deve cair por si — nunca ser retirado.

Participantes

Alzira Silva
Maria de Lurdes
Piedade Martins
Anabela Pirão
Filipa Silva

Ficha técnica Recursos multimédia e online

Documentário
Inventário MEMORIAMEDIA

Produção

Câmara Municipal da Sertã
Carlos Miranda, Presidente da Câmara Municipal
Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes
Ana Sofia Marçal
Memória Imaterial

Assistência à produção

Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes
Maria Amaro

Imagem, som e montagem

Memória Imaterial CRL

Fotografia

Memória Imaterial CRL
Rita Garcia
AdobeStock

Entrevista e Realização

Filomena Sousa
José Barbieri